

ANA CATARINA PORTILHEIRO DIAS

VINCULAÇÃO E ESQUEMAS MAL ADAPTATIVOS PRECOCES EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE



ESCOLA SUPERIOR DE ALTOS ESTUDOS

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-
Comportamentais

COIMBRA, 2017

Vinculação e Esquemas Mal Adaptativos Precoces em Vítimas de Violência nas Relações de Intimidade

ANA CATARINA PORTILHEIRO DIAS

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Cognitivo-Comportamentais

Orientadora: Professora Doutora Laura Lemos, Professora Auxiliar Convidada, ISMT

Coorientadora: Mestre Inês Queiroz Garcia, ISMT

Coimbra, dezembro de 2017

Agradecimentos

Chegou ao fim mais uma etapa do meu percurso, que tanto me desafiou e pôs à prova. Pelo caminho tive a oportunidade de me ir cruzando com várias pessoas que, de uma forma ou de outra, me ajudaram muito e sem as quais não teria chegado aqui.

À minha orientadora de dissertação, Professora Doutora Laura Lemos, agradeço por todos os momentos de aprendizagem, partilha e sobretudo por toda a serenidade que sempre me transmitiu e imensa falta me fez.

À minha coorientadora, Mestre Inês Queiroz Garcia, por ter sido excecional comigo, disponibilizando muito do seu tempo para me ajudar.

Agradeço também a todas as pessoas que, ao responderem ao protocolo de investigação, tornaram possível a realização deste estudo.

Às equipas das instituições que tão bem me receberam para administrar o protocolo, nomeadamente, à Dr.^a Rosa Saavedra, em representação da direção geral da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima; à Dr.^a Natália Cardoso, gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra; ao Sr. Padre Luís Costa, em representação da direção da Cáritas Diocesana de Coimbra; à Dr.^a Isabel Figueiredo, responsável pela Renascer; à Dr.^a Rosa Santos, em representação da Associação Mulher Século XXI em Leiria; à Dr.^a Luísa Delgado, diretora do serviço de Psiquiatria do Centro Hospitalar do Médio Tejo em Tomar; à Dr.^a Susana Casinhas; à Dr.^a Sandra Palma e à Dr.^a Elisa Marta.

À minha família e amigos, obrigado por torcerem sempre pelo meu sucesso, mesmo quando me pareceu mais difícil; todos sem exceção, foram essenciais.

À Cris, por ser a minha companheira de todas as horas, que mesmo estando longe, esteve sempre a uma chamada de me reconfortar e encorajar.

Ao Adrien, por tudo. Agradeço o facto de poder partilhar a minha vida com uma pessoa tão especial, que me inspira a ser também uma pessoa melhor, todos os dias.

Por último, gostaria de agradecer aos meus pais, pois foram o elemento-chave do meu percurso. Proporcionaram-me a oportunidade fantástica de poder estudar para me tornar psicóloga clínica, com todo o esforço e sacrifício, sem nunca deixarem de me apoiar e motivar a “voar” sempre mais alto. Tudo o que vos possa dizer, nunca vai ser suficiente para vos agradecer.

Muito obrigado a todos!

Resumo

Introdução: A violência nas relações de intimidade é um tema com crescente impacto, sendo descrito como um padrão de violência exercido sobre um parceiro íntimo. A vinculação e o estabelecimento das primeiras relações significativas têm início na infância, mas as suas repercussões continuam na idade adulta bem como os esquemas mal adaptativos precoces, que surgem através de experiências prévias, mas causam mal-estar ao longo da vida.

Objetivo: Diversos autores sugerem a ligação entre a vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces, pelo que o principal objetivo da investigação foi a caracterização da amostra e a exploração de associações entre as dimensões de vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces, em função da existência ou não de violência nas relações de intimidade.

Método: A amostra foi constituída por 98 mulheres (49 vítimas e 49 não vítimas), com idades compreendidas entre os 18 e os 80 anos, que responderam a um questionário sociodemográfico, ao Questionário de Esquemas de Young (QEY-S3), à Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e ao Questionário das Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER).

Resultados: Em termos sociodemográficos, os dois grupos em estudo revelaram diferenças ao nível da idade, do estado civil e da escolaridade. A maioria das vítimas em estudo, já não se encontram na relação violenta, apesar da duração média das relações ser longa e procuraram o apoio de instituições recentemente. Na sua generalidade, a amostra apresenta protótipo de vinculação seguro, embora as vítimas também revelem protótipo de vinculação amedrontado. As vítimas obtiveram valores médios mais elevados e num maior número de esquemas do que as não vítimas, sendo eles, Auto-Sacrifício, Padrões Rígidos/Hipercriticismo, Negativismo/Pessimismo, Abandono/Instabilidade, Desconfiança/Abuso, Inibição Emocional, Privação Emocional e Subjugação. Foram ainda encontradas várias correlações entre as variáveis estudadas, nomeadamente entre as dimensões da vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces.

Conclusão: Verificou-se a existência de relação entre as dimensões de vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces nos dois grupos, mas nas vítimas essa relação é mais evidente. Espera-se que através dos resultados obtidos neste estudo, seja possível uma melhor definição do perfil das vítimas, para agir em termos preventivos e interventivos, especificamente para quem trabalha diretamente com esta população.

Palavras-chave: Vinculação; Esquemas mal adaptativos precoces; Violência nas relações de intimidade.

Abstract

Introduction: Intimate partner violence is a subject with increasing impact, described as a pattern of violence exercised over an intimate partner. Attachment and establishment of the first significant relationships begin in childhood, but their repercussions continue into adulthood as well as early maladaptive schemas, which arise from previous experiences but cause lifelong unwell.

Purpose: Several authors suggest the link between attachment and early maladaptive schemas, so the main objective of the research was the exploration of associations between attachment dimensions and early maladaptive schemas, depending on the existence or not of violence in intimate partner relationships.

Method: The sample consisted of 98 women (49 victims and 49 non-victims), aged between 18 and 80 years, all of whom responded to a sociodemographic questionnaire, the Young Schema Questionnaire (YSQ-S3), the Adult Attachment Scale (AAS) and the Experience in Close Relationships – Relationship Structures (ECR-RS).

Results: In sociodemographic terms, the two groups in study revealed differences in age, marital status and education. Most of the victims under study are no longer in the violent relationship, although the average duration of the relationships is long and sought support from institutions recently. In its generality, the sample presents a secure attachment prototype, although the victims also reveal a frightened attachment prototype. Victims had higher mean values and a greater number of schemas than non-victims, such as Self-sacrifice, Unrelenting Standards/Hypercriticism, Negativity/Pessimism, Abandonment/Instability, Mistrust/Abuse, Emotional Inhibition, Emotional Deprivation, and Subjugation. Several correlations were also found between the variables of all the instruments used, namely avoidance in their relationships with the partner in the victims and between the dimensions of the attachment and the early maladaptive schemas.

Conclusion: There was a relation between attachment dimensions and early maladaptive schemas in both groups, but among victims this relationship reveals a greater dysfunctional character. It is hoped that through the results obtained in this study, it will be possible to better define a profile of the victims, to act in preventive and interventional terms, specifically for those who work directly with this population.

Keywords: Attachment; Early maladaptive schemas; Intimate partner violence.

Introdução

Um dos temas em crescente discussão, seja no âmbito da investigação, político, forense ou nos meios de comunicação social, é a violência nas relações de intimidade (Matos, 2006). Este é um tipo de violência caracterizado por um padrão de comportamento agressivo, de controlo e ameaça, exercido direta ou indiretamente, sobre um namorado(a), um companheiro(a) ou um cônjuge (Manita, Ribeiro e Peixoto, 2009). A forma mais comum de violência nas relações de intimidade é contra mulheres e é cometida por parceiros ou ex-parceiros do sexo masculino; embora, as mulheres também possam ser violentas nas relações com os homens, algumas vezes em legítima defesa, e similarmente exista violência em relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo (World Health Organization, 2012).

De acordo com a estatística anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV, 2017), houve um aumento de 8,1% nos atendimentos entre 2014 e 2016, sendo a maioria dos casos de violência doméstica (77,2%), nomeadamente na forma de maus tratos físicos e psíquicos.

Sani (2003), na tentativa de contribuir para a compreensão da violência numa perspetiva transgeracional, afirma que a vivência da mesma no período de infância tem um impacto significativo na vida adulta potenciando a sua reprodução. Indivíduos que experienciem situações de abuso ou negligência na infância são mais propensos a serem vítimas de violência na sua relação de intimidade (Crawford e Wright, 2007).

Violência, Transgeracionalidade e Vitimização em Relações de Intimidade

A violência foi definida pela World Health Organization (2002), como “*o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação*”.

O impacto da violência, a nível mundial, pode ser observado de várias formas, mas sabe-se que a cada ano que passa perdem a vida mais de um milhão de pessoas, vítimas de violência, estimando-se, assim, que esta seja uma das principais causas de morte nas pessoas entre os 15 e os 44 anos de idade (Dahlberg e Krug, 2006).

O legado de violência entre gerações tende a ser explicado, etiologicamente, através dos modelos de aprendizagem social que descrevem que a observação e/ou vivência continuada de comportamentos de cariz violento pode conduzir à sua reprodução (Oliveira e Sani, 2009),

reforçando a ideia de que relacionamentos violentos são comuns e passíveis de ser vivenciados por pessoas que ao longo do seu desenvolvimento foram expostas a situações similares (Cottrell e Monk, 2004). Cada indivíduo, ao escolher um companheiro, pode estar de certa forma a confirmar as convicções que possui sobre si mesmo e sobre os outros, ou seja, as pessoas tendem a envolver-se em relações que irão contribuir para a manutenção das suas convicções e padrões de relacionamento (Paim, Madalena e Falcke, 2012). Por exemplo, uma pessoa que observou ou experienciou violência e reteve esse comportamento como algo natural, estará mais suscetível a envolver-se com um companheiro que alimente esta ideia.

A exposição de crianças à violência foi relacionada com a perpetração da violência na idade adulta, particularmente na vitimização desses indivíduos nas suas relações íntimas (Kerley, Xu, Sirisunyaluck e Alley, 2010). “*Experienciar violência transforma as pessoas em vítimas e muda as suas vidas para sempre; uma vez vitimizada, uma pessoa não mais se sentirá suficientemente em segurança*” (Magalhães, 2005, p. 6). A crença de que os outros, neste caso, parceiros íntimos, não satisfazem as necessidades emocionais básicas, está relacionada com o abuso emocional na infância e com o risco de vitimização ou agressão num relacionamento íntimo (Gay, Harding, Jackson, Burns e Baker, 2013).

Violência nas Relações de Intimidade

O termo de violência nas relações de intimidade encontra-se, muitas vezes, relacionado com conceitos como o de violência doméstica ou violência conjugal, visto que este diz respeito a todos os tipos de violência exercida contra pessoas com quem exista ou tenha existido uma relação de intimidade, seja no casamento, em união de fato ou no namoro (Ventura, Frederico-Ferreira e Magalhães, 2013).

No curso de uma relação de intimidade caracterizada pela violência, surgem diferentes formas do agressor exercer crueldade perante a vítima, sendo a sua frequência apresentada de forma gradual da seguinte forma: *violência emocional e psicológica*, que inclui uma série de comportamentos depreciativos para com a vítima; *intimidação, coação e ameaça*, em que o agressor pretende manter a vítima com sensação de medo constante; *violência física*, que engloba o uso de força física com o intuito de causar dano físico; *isolamento social*, traduzido na implementação de subterfúgios pelo agressor, com o objetivo de alienar a vítima da sua rede de suporte ou qualquer contato social; *abuso económico*, que está intimamente ligado ao isolamento social visto que, privando a vítima de acesso a dinheiro ou bens, a relação de posse é muito maior

porque faz com que a sua dependência para com o agressor seja cada vez maior e, por último, *violência sexual*, caracterizada por toda e qualquer forma de imposição de práticas de carácter sexual contra a vontade da vítima (Manita et al., 2009).

Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna, divulgado pelo Ministério da Administração Interna (2016), a maioria das vítimas de violência nas relações de intimidade continua a ser do sexo feminino (79,9% em relação a 20,1% do sexo masculino). Através do mesmo relatório, constata-se que entre cônjuges ou casais em situação análoga, 81% dos casos são referentes a violência psicológica, 72% a violência física, 14% a violência social, 10% a violência económica e 4% a violência sexual.

Indo ao encontro dos dados apontados anteriormente relativos ao homem como agressor numa relação, num estudo de Ventura e colaboradores (2013), os resultados apontam para que os indivíduos do sexo masculino sejam mais propensos a ter condutas violentas, o que pode estar relacionado com o seu papel sociocultural, nomeadamente a menor demonstração de comportamentos afetuosos e o maior envolvimento que estes têm com papéis que envolvem força física.

Como fator determinante na existência, ou não, de violência na relação de intimidade, surge como um aspeto fundamental na criação de relações interpessoais, o estilo de vinculação estabelecido na infância e a sua manutenção na idade adulta (Pinheiro, 2015). Relativamente à infância, crianças expostas a violência entre os pais são propensas a desenvolver um estilo de vinculação inseguro, stress pós-traumático e, por conseguinte, estão em maior risco de se envolverem em relações violentas na idade adulta, quer como perpetradores quer como vítimas (Levendosky, Lannert e Yalch, 2012). Já no que diz respeito à idade adulta, casais com discrepância em relação aos estilos e necessidades de vinculação parecem envolver-se em comportamentos de violência, de forma a restabelecer os níveis de proximidade/distância (Doumas, Pearson, Elgin e McKinley, 2008). Um exemplo disso, são pessoas com um estilo de vinculação ansioso e que se encontram numa relação com pessoas mais despreocupadas e com pouca capacidade para a resolução de problemas, revelando-se muitas vezes como um preditor significativo para a existência de violência no relacionamento (Bond e Bond, 2004). Levendosky e colaboradores (2012), referiram ainda que, mulheres adultas que se encontrem numa relação íntima violenta correm riscos significativos tanto no papel de mulher, como no de mãe, pois para além do aumento do risco de

psicopatologia, poderá influenciar marcadamente quer a vinculação entre mãe e filho, quer os esquemas da criança.

Vinculação

A origem do estudo sobre a vinculação e a sua teoria teve início com Bowlby e desde a sua primeira publicação foram muitos os debates e críticas feitos em relação à mesma. Esta é uma teoria que se distingue por ser profundamente ampla, sendo fundamentada por conceitos e autores distintos e tendo raízes em correntes distintas (Obegi e Berant, 2009).

Bowlby (1969/1982), definiu a vinculação como uma procura de proximidade com uma figura de relevância em determinadas situações (principalmente de medo), sendo que a disposição para essa procura é heterogénea, dependendo de pessoa para pessoa. Leigamente, a função da vinculação caracteriza-se pela proteção de alguém, principalmente durante o período da infância, do perigo, assegurando a proximidade, carinho e afeto, especialmente por parte das figuras de relevância (Mikulincer e Shaver, 2007).

Para descrever os padrões de vinculação, existem critérios importantes como o início da interação com a mãe ou figura materna, o comportamento e a resposta que mantém essa interação, as atitudes face aos momentos de separação, o comportamento de exploração e de medo e como são orientados face à mãe ou figura materna (Bowlby, 1969/1982). Neste contexto, Bowlby (1969/1982) aponta como particularidades, em destaque na teoria da vinculação, a especificidade e duração de cada relação, o envolvimento emocional, a ontogenia, a aprendizagem, a organização e a função biológica.

Cada indivíduo pode manter mais do que uma relação ao mesmo tempo, pelo que a maioria dos adultos mantém uma relação significativa com os seus pais (Ainsworth, 1989), paralelamente a outras relações significativas. O vínculo com os pais permanece na vida adulta e parece influenciar o comportamento de diversas formas, visto que irá condicionar outras relações de vinculação (Bowlby, 1969/1982).

Ainsworth deu um importante contributo ao estudo da vinculação aquando da sua distinção entre padrões de vinculação seguros e inseguros (Matias, 2016). Os padrões de vinculação seguros são caracterizados por uma resposta positiva disponível por parte da figura de vinculação, demonstrando afeto; enquanto que os padrões de vinculação inseguros caracterizam os outros, nomeadamente a figura de vinculação, como não responsivos, não afetuosos e perante os quais não se deve confiar (Ainsworth, Blehar, Waters e Wall, 1978). Os estilos de vinculação inseguros

parecem desempenhar um papel importante nas relações íntimas violentas, sendo que o desenvolvimento num ambiente que não proporcione segurança e conforto ao indivíduo pode determinar a existência ou não de violência na sua relação (Dutton e White, 2012).

Os estilos de vinculação são tipicamente avaliados por duas dimensões subjacentes: ansiedade e evitamento. A ansiedade é descrita pelo grau em que um indivíduo está preocupado com a disponibilidade do seu parceiro, enquanto que o evitamento é caracterizado pelo grau em que um indivíduo desvaloriza a sua dependência emocional e a sua proximidade nos seus relacionamentos românticos (Hazan e Shaver, 1987).

Numa abordagem categorial ou tipológica ao estudo da vinculação (Canavarro, Dias e Lima, 2006) identificam-se três estilos de vinculação: o *seguro*, referente a indivíduos que criam facilmente relações e se sentem à vontade com a proximidade; o *ansioso*, diz respeito a indivíduos que apesar de reconhecerem a necessidade de existir proximidade, temem a falta das figuras de referência e o *evitante*, que é caracterizado pelo desconforto em relação à intimidade (Hazan e Shaver, 1987).

Já numa abordagem prototípica ao estudo da vinculação (Canavarro et al., 2006) surgem os quatro protótipos de vinculação postulados por Bartholomew (1990), de forma a distinguir as representações do *self* e dos outros: o protótipo de vinculação *seguro* diz respeito aos sujeitos que se relacionam com diversas pessoas e não apenas com aqueles que lhes são mais próximos, formando representações positivas tanto de si como dos que os rodeiam; o protótipo de vinculação *preocupado* refere-se a indivíduos com baixa autoestima e que procuram excessivamente proximidade e atenção por parte dos outros, estes indivíduos desenvolvem representações negativas de si e positivas dos outros; o protótipo de vinculação *desligado*, não dá importância às relações interpessoais, sendo caracterizado pelo afastamento dos outros, tem uma representação positiva de si, mas negativa dos outros e o protótipo de vinculação *amedrontado*, em que os sujeitos criam representações negativas de si e dos outros, sendo caracterizados pela insegurança e evitamento devido ao medo da rejeição.

O protótipo amedrontado, apresentado por Bartholomew (1990), parece ser um protótipo de vinculação com um elevado grau de esquemas mal adaptativos precoces o que, consequentemente conduz a dificuldades quer nas relações próximas, quer nas relações sociais em geral (Mason, Platts e Tyson, 2005). Num estudo longitudinal de Simard, Moss e Pascuzzo (2011), verificou-se que crianças com o estilo de vinculação ansioso apresentavam mais esquemas mal

adaptativos precoces do que crianças com o estilo de vinculação seguro, o que pode indicar o estilo de vinculação ansioso como um fator de vulnerabilidade para o desenvolvimento de esquemas mal adaptativos precoces.

Esquemas Mal Adaptativos Precoces

O conceito de esquema é de tal forma abrangente, que foi distintamente definido e caracterizado por diversos autores, ainda que o seu significado seja uníssono (Rijo, 2009). Beck (1976) sugeriu que a cada experiência é atribuído um significado, que posteriormente se alia a outras experiências com outros significados, formando uma rede que parece guiar cada indivíduo ao longo da sua vida. Segundo Ellis e Bernard (1985), as crenças distinguem-se entre racionais, que são atributos relativistas e condicionais, e irracionais, que são verdades absolutas e imperativas, sendo que é devido a estas últimas que é atribuída internamente uma interpretação. Safran (1990) introduziu o conceito de esquema interpessoal como uma organização base de conhecimento, que assenta em acontecimentos pessoais prévios, sendo crucial para a conservação das relações interpessoais. Esquemas são, então, considerados como normas que guiam o indivíduo, através das suas experiências prévias, medindo a sua perceção (Young, Klosko e Weishaar, 2008).

Os esquemas têm aspetos positivos e negativos: por um lado são eficientes no âmbito da seleção e processamento de informação, permitindo ao indivíduo organizar-se no mundo, atribuindo significado ao que o rodeia; pelo contrário, também podem induzir em erro ou provocar distorções no processamento de informação (Pinto-Gouveia e Rijo, 2001).

Esquema mal adaptativo precoce, segundo Young e colaboradores (2008), consiste num “padrão” abrangente e redundante, criado através de experiências vividas na infância e perpetuado ao longo da vida do indivíduo, com a especificidade de ser disfuncional num nível significativo.

Cada sujeito pode lidar com os esquemas mal adaptativos precoces de maneiras distintas, surgindo assim os processos dos esquemas: *manutenção dos esquemas*, processo onde se pensa e se age de acordo com o esquema, perpetuando o mesmo; *evitamento dos esquemas*, processo onde são encontradas estratégias para prevenir que os esquemas sejam ativados e com eles os sentimentos que estes acarretam e *compensação dos esquemas*, processo caracterizado por um comportamento completamente oposto ao postulado pelo esquema (Young et al., 2008).

Young e colegas (2008), agruparam os 18 esquemas mal adaptativos precoces por entre os domínios existentes, da seguinte forma: *Domínio I - Distanciamento e Rejeição*: Sensação de não

existir capacidade de resposta às suas necessidades em termos de proteção, segurança, estabilidade, cuidado e empatia bem como a nível da partilha de sentimentos e de ser aceite e respeitado. Neste domínio estão presentes cinco esquemas: *Abandono/Instabilidade* (perceção de que os outros, especialmente as pessoas de referência, são instáveis e não são dignos de confiança), *Desconfiança/Abuso* (sentimento de que os outros só irão magoar, abusar, humilhar, enganar, mentir, manipular ou aproveitar-se), *Privação Emocional* (expectativa de que o desejo de um determinado grau de apoio emocional não será adequadamente satisfeito), *Defeito/Vergonha* (pensamento de que se é indesejado, inferior ou incapaz em aspetos importantes, ou de não merecer o amor de pessoas importantes quando está em contato com elas) e *Isolamento Social/Alienação* (sensação de que se está isolado do resto do mundo e de que se é diferente das outras pessoas); *Domínio II – Autonomia e Desempenho Deteriorados*: Expectativas sobre si mesmo e sobre o que o rodeia, que interferem na própria capacidade de viver, de forma independente ou de ter um bom desempenho. Neste domínio estão presentes quatro esquemas: *Dependência/Incompetência* (convicção de que se é inábil de dar conta das responsabilidades quotidianas de forma competente sem apoio externo), *Vulnerabilidade ao Mal ou à Doença* (medo exagerado de que uma catástrofe, seja ela em termos de saúde, emocional ou externa a si, lhe acontecerá e que não há como a impedir), *Emaranhamento/Eu Subdesenvolvido* (envolvimento emocional e excesso de intimidade com uma ou mais pessoas importantes, dificultando a individuação integral e desenvolvimento social normal) e *Fracasso* (sensação de que se fracassou ou de que fracassará inevitavelmente); *Domínio III – Limites Deteriorados*: Défice em termos de limites internos, responsabilidade para com outros indivíduos ou orientação para objetivos a longo prazo. Neste domínio estão presentes dois esquemas: *Grandiosidade/Limites Indefinidos* (pensamento de que se é superior a outras pessoas, de ter direitos e privilégios especiais ou de que não está sujeito às regras que guiam a interação social normal) e *Autocontrolo/Autodisciplina Insuficientes* (dificuldade ou recusa em praticar autocontrolo e tolerância à frustração em relação aos próprios objetivos ou a limitar a expressão excessiva das próprias emoções e impulsos); *Domínio IV – Influência dos Outros*: Foco nos desejos, sentimentos e pedidos dos outros, à custa das próprias necessidades, com o intuito de obter aprovação, manter o senso de conexão e evitar retaliação. Neste domínio estão presentes três esquemas: *Subjugação* (submissão ao controlo dos outros, por se sentir coagido, submetendo-se para evitar raiva, retaliação e abandono), *Auto-Sacrifício* (foco desmesurado no cumprimento voluntário das necessidades de outras pessoas em situações no dia-a-dia, à custa da própria

gratificação) e a *Procura de Aprovação/Reconhecimento* (desejo exagerado na obtenção de aprovação, reconhecimento ou atenção por parte de outras pessoas, ou no próprio enquadramento) e *Domínio V - Supervigilância e Inibição*: Ênfase excessivo no cumprimento de regras, expectativas internas ou anulação dos próprios sentimentos, impulsos e escolhas, à custa da felicidade, autoexpressão, descuido com os relacionamentos íntimos ou com a saúde. Neste domínio estão presentes quatro esquemas: *Negativismo/Pessimismo* (foco generalizado em aspetos negativos, enquanto se minimizam ou negligenciam os aspetos positivos ou otimistas), *Inibição Emocional* (retraimento excessivo das ações ou sentimentos para evitar a desaprovação alheia, sentimentos de vergonha ou de perda de controlo dos próprios impulsos), *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* (convicção implícita de que se deve fazer um esforço para atingir elevados padrões internos de comportamento e desempenho com o intuito de evitar críticas) e *Punição* (convicção de que as pessoas devem ser severamente punidas quando erram).

Segundo Young e colaboradores (2008), os esquemas mal adaptativos precoces encontram-se estreitamente relacionados com aspetos da vinculação, desenvolvidos no seio familiar. Perante tal ideia, Dattilio (2010) refere que estes são os que mais resistem à mudança e que muitas vezes são reforçados por acontecimentos de vida mais recentes.

O abuso emocional na infância parece conduzir a padrões de vinculação insegura bem como a esquemas mal adaptativos precoces, constituindo-se como um preditor de violência na relação de intimidade, quer no papel da vítima como no do agressor (Gay et al., 2013).

Domínios como *Influência dos Outros*, *Distanciamento e Rejeição* e *Autonomia e Desempenho Deteriorados* estão relacionados com a vitimização em mulheres com história de abuso na infância (Calvete, Estévez e Corral, 2007), enquanto que mulheres com um estilo de vinculação ansioso, têm maior risco de se tornarem vítimas, uma vez que estas podem procurar obter o controlo através de comportamentos que podem despoletar uma reação agressiva por parte do companheiro (Allison, Bartholomew, Mayseless e Dutton, 2007).

A investigação aponta para uma relação entre violência nas relações de intimidade e esquemas mal adaptativos precoces, explicada pelo facto de os esquemas mal adaptativos precoces poderem relacionar-se com o vínculo relacional, diminuindo a capacidade para a resolução de conflitos, e possivelmente aumentando o risco de violência (Paim et al., 2012). Neste sentido, de forma a melhor compreender os ciclos de violência, contribuindo para um maior conhecimento do perfil das vítimas e potenciando, assim, a prevenção, intervenção adequada e diminuição da

reincidência, estabelecemos como objetivo o estudo dos vínculos relacionais e esquemas precoces em vítimas de violência nas relações de intimidade.

Como a literatura indica, existe uma relação entre as variáveis em estudo, e em Portugal são escassas as investigações que as relacionem com a violência nas relações de intimidade. Desta forma, definiram-se como objetivos específicos: 1) caracterizar a amostra em termos sociodemográficos; 2) verificar a associação entre violência vivida na infância e o facto de ser ou não vítima na idade adulta; 3) caracterizar a violência na relação de intimidade; 4) observar os protótipos de vinculação presentes; 5) verificar a relação entre as dimensões de vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces nos dois subgrupos.

Materiais e Métodos

Participantes

A amostra da investigação foi constituída por 98 participantes (49 vítimas de violência na relação de intimidade e 49 não vítimas), tendo sido recolhida com recurso a técnicas de amostragem não probabilística, por conveniência. A amostra referente às vítimas foi recolhida presencialmente no Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra ($n = 19$), na Instituição Renascer pertencente à Cáritas Diocesana de Coimbra ($n = 4$), no Serviço de Psiquiatria do Centro Hospitalar do Médio Tejo em Tomar ($n = 14$) e na Instituição Mulher XXI em Leiria ($n = 12$). A amostra referente às não vítimas foi recolhida presencialmente ($n = 25$) e *online* ($n = 24$).

Na recolha da amostra, não se definiu como critério de exclusão o sexo, mas como o número de vítimas do sexo masculino era reduzido ($n = 4$) foram excluídos, tendo ficado a amostra apenas composta por participantes do sexo feminino ($N = 98$). Os questionários recolhidos *online* foram preenchidos também por pessoas que indicaram já ter sido vítimas de violência doméstica. Por uma questão de uniformização na recolha da amostra, e porque o número de vítimas a responder *online* era reduzido, as vítimas de violência *online* foram excluídas ($n = 14$).

Procedimentos

Os instrumentos de avaliação foram administrados presencialmente, em instituições de apoio a vítimas de violência e a não vítimas através do método bola de neve, e *online* a não vítimas através de um questionário *online* criado na plataforma *Google Docs*. Solicitou-se aos utilizadores da rede social *Facebook* e a amigos/conhecidos que contribuíssem, de forma voluntária, para o

nosso estudo. O protocolo foi constituído por quatro medidas de avaliação distintas: um questionário sociodemográfico, o Questionário de Esquemas de Young - S3 (QEY-S3), a Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e o Questionário das Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP- EP).

Os participantes foram informados através do protocolo de investigação, quer presencial quer *online*, das condições da sua participação, salientando-se o carácter voluntário, a confidencialidade e o anonimato, através da codificação dos seus dados e a possibilidade de desistência da colaboração na investigação no consentimento informado (Apêndice A).

A recolha dos dados decorreu entre fevereiro e junho de 2017, num período aproximado de cinco meses.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico (Apêndice B). Para caracterizar a amostra foi construído um questionário sociodemográfico com questões relativas à idade, ao sexo, ao estado civil, à escolaridade, à profissão, ao agregado familiar até aos 16 anos de idade e o agregado familiar atual, se existiu violência no agregado familiar até aos 16 anos de idade (direta ou indiretamente com a pessoa), o tipo de violência a que a vítima foi exposta na sua relação de intimidade, a duração do relacionamento entre a vítima e o agressor e a duração da vivência de violência no âmbito dessa relação.

Questionário de Esquemas de Young (QEY-S3). A versão do instrumento utilizada nesta investigação é uma adaptação feita do instrumento original (Young, 2005) para a população portuguesa por Pinto Gouveia, Rijo e Salvador em 2006. O *Young Schema Questionnaire* (YSQ) surgiu em 1990 por Young e Brown, numa versão de 123 itens que avaliava 15 esquemas mal adaptativos precoces. Em 1991, Young desenvolveu uma nova versão de 205 itens que avaliava os 18 esquemas mal adaptativos precoces. Em 2002, e por se tratarem de versões demasiado extensas e com os itens todos agrupados por esquemas, dificultando a concretização de estudos, foi feita uma versão para investigação (YSQ RE2R), que misturava aleatoriamente os itens, não agrupados por esquema (Rijo, 2009). Foi em 2005 que surgiu a versão final do YSQ, o YSQ-S3, da qual surge a adaptação e tradução que irá ser utilizada. O questionário é constituído por 90 itens, que são respondidos através de uma escala tipo Likert que varia entre 1 (“Completamente falso, isto é, não tem nada a ver com o que acontece comigo”) e 6 (“Descreve-me perfeitamente, isto é, tem tudo a ver com o que acontece comigo”). Os itens estão distribuídos de igual forma por entre

os esquemas, isto é, cada esquema é representado por cinco itens que estão distribuídos aleatoriamente ao longo do instrumento. A relevância ou presença de cada esquema é obtida através da média dos itens que lhe correspondem (Rijo, 2009). Segundo os autores da validação portuguesa do instrumento alguns itens (a designar, 31, 49, 52, 62, 74 e 90) não se revelaram discriminatórios do esquema a que pertenciam e por isso foram retirados da análise estatística. O instrumento, na versão portuguesa, apresenta assim, um alfa de Cronbach total (84 itens) de 0,97, demonstrando uma excelente consistência interna. Relativamente a cada esquema, revelou os seguintes alfas de Cronbach: *Abandono/Instabilidade* ($\alpha = 0,81$), *Desconfiança/Abuso* ($\alpha = 0,78$), *Privação Emocional* ($\alpha = 0,82$), *Defeito/Vergonha* ($\alpha = 0,86$), *Isolamento Social/Alienação* ($\alpha = 0,81$), *Dependência/Incompetência* ($\alpha = 0,72$), *Vulnerabilidade ao Mal e à Doença* ($\alpha = 0,68$), *Emaranhamento/Eu Subdesenvolvido* ($\alpha = 0,68$), *Fracasso* ($\alpha = 0,86$), *Grandiosidade/Limites Indefinidos* ($\alpha = 0,67$), *Autocontrolo/Autodisciplina Insuficientes* ($\alpha = 0,66$), *Subjugação* ($\alpha = 0,78$), *Auto-Sacrifício* ($\alpha = 0,77$), *Procura de Aprovação/Reconhecimento* ($\alpha = 0,71$), *Negativismo/Pessimismo* ($\alpha = 0,76$), *Inibição Emocional* ($\alpha = 0,81$), *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* ($\alpha = 0,57$) e *Punição* ($\alpha = 0,77$) (Rijo, 2009). No nosso estudo, os valores de consistência interna relativos ao QEY-S3 foram: total da escala com 84 itens ($\alpha = 0,96$; alta), *Abandono/Instabilidade* ($\alpha = 0,83$; moderada), *Desconfiança/Abuso* ($\alpha = 0,72$; baixa), *Privação Emocional* ($\alpha = 0,87$; moderada), *Defeito/Vergonha* ($\alpha = 0,84$; moderada), *Isolamento Social/Alienação* ($\alpha = 0,76$; baixa), *Dependência/Incompetência* ($\alpha = 0,51$; inaceitável), *Vulnerabilidade ao Mal e à Doença* ($\alpha = 0,57$; inaceitável), *Emaranhamento/Eu Subdesenvolvido* ($\alpha = 0,69$; inaceitável), *Fracasso* ($\alpha = 0,86$; moderada), *Grandiosidade/Limites Indefinidos* ($\alpha = 0,64$; inaceitável), *Autocontrolo/Autodisciplina Insuficientes* ($\alpha = 0,53$; inaceitável), *Subjugação* ($\alpha = 0,74$; baixa), *Auto-Sacrifício* ($\alpha = 0,79$; baixa), *Procura de Aprovação/Reconhecimento* ($\alpha = 0,61$; inaceitável), *Negativismo/Pessimismo* ($\alpha = 0,79$; baixa), *Inibição Emocional* ($\alpha = 0,84$; moderada), *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* ($\alpha = 0,63$; inaceitável) e *Punição* ($\alpha = 0,74$; baixa).

Escala de Vinculação do Adulto (EVA). A EVA é um instrumento adaptado para a população portuguesa por Canavarro e colaboradores (2006), da *Adult Attachment Scale* (AAS; Collins e Read, 1990). O propósito desta escala é avaliar três dimensões da vinculação: *Ansiedade*, que diz respeito ao grau de ansiedade sentido pelo sujeito em relação a questões interpessoais como o receio do abandono ou de não ser desejado; *Confiança nos Outros*, está relacionada com o grau de confiança que o sujeito deposita no outro; *Conforto com a Proximidade*, que diz respeito ao

grau com que o sujeito revela proximidade ou intimidade com o outro (Canavarro et al., 2006). É um instrumento de autopreenchimento, composto por 18 questões, onde o sujeito deve responder como se sente nas relações que estabelece através de uma escala tipo Likert que varia entre 1 (“Nada característico em mim”) e 5 (“Extremamente característico em mim”). O resultado total de cada dimensão é calculado através da média dos seis itens que compõem cada uma. A partir dos valores médios obtidos através das variáveis em estudo (*Ansiedade*, *Confiança nos Outros* e *Conforto com a Proximidade*), os autores, procederam à classificação dos indivíduos nos quatro protótipos de vinculação indicados por Bartholomew (1990), da seguinte forma: Protótipo de Vinculação Seguro (valores médios superiores a 3 na variável *Conforto com a Proximidade/Confiança nos Outros* e inferiores a 3 na variável *Ansiedade*), Protótipo de Vinculação Preocupado (valores médios superiores a 3 nas variáveis *Conforto com a Proximidade/Confiança nos Outros* e *Ansiedade*), Protótipo de Vinculação Desligado (valores médios inferiores a 3 nas variáveis *Conforto com a Proximidade/Confiança nos Outros* e *Ansiedade*) e Protótipo de Vinculação Amedrontado (valores médios inferiores a 3 na variável *Conforto com a Proximidade/Confiança nos Outros* e superiores a 3 na variável *Ansiedade*) (Canavarro et al., 2006). Os estudos psicométricos desta escala indicam que o instrumento apresenta um alfa de Cronbach total de 0,81, na variável *Ansiedade* apresenta um alfa de Cronbach de 0,84, na variável *Conforto com a Proximidade* de 0,67 e na variável *Confiança nos Outros* de 0,54. No nosso estudo, os alfas de Cronbach encontrados foram: total da escala ($\alpha = 0,41$; inaceitável), *Ansiedade* ($\alpha = 0,87$; moderada), *Conforto com a Proximidade* ($\alpha = 0,64$; inaceitável) e *Confiança nos Outros* ($\alpha = 0,64$; inaceitável).

Questionário das Experiências em Relações Próximas - Estruturas Relacionais (ERP-ER). Esta é uma adaptação para a população portuguesa de Moreira e Canavarro (2011), do instrumento *The Experiences in Close Relationships - Relationship Structures (ECR-RS)*, de Fraley, Heffernan, Vicary e Brumbaugh (2011). O propósito deste instrumento é avaliar dimensões da vinculação (ansiedade e evitamento) em relação a diferentes figuras significativas. É um instrumento constituído por nove itens respondidos pelo sujeito relativamente a quatro pessoas significativas, sendo elas: figura materna, figura paterna, companheiro/a e melhor amigo/a. Neste estudo irão ser observadas apenas as respostas dadas relativamente à figura materna, figura paterna e companheiro, visto que estudar a relação com o melhor amigo/a ou com outros sujeitos, não demonstra carácter revelante para esta investigação. Cada item é respondido numa escala tipo Likert

que varia entre 1 (“Discordo totalmente”) e 7 (“Concordo plenamente”). Os itens agrupam-se em duas estruturas da vinculação: *evitamento* e *ansiedade*. A pontuação referente ao evitamento e ansiedade alusiva a cada pessoa significativa é obtida através da média, assim, os valores mais elevados representam maior evitamento ou ansiedade. Segundo Moreira, Martins, Gouveia e Canavarro (2015), este instrumento apresenta boa consistência interna, apresentando um alfa de Cronbach de 0,91 relativamente à escala total da ansiedade e 0,88 à escala total de evitamento. Especificamente, no que diz respeito à ansiedade, os alfas de Cronbach foram os seguintes: em relação à mãe ou figura maternal ($\alpha = 0,75$), em relação ao pai ou figura paternal ($\alpha = 0,86$) e em relação ao companheiro ($\alpha = 0,91$). No que diz respeito ao evitamento, os alfas de Cronbach foram os seguintes: em relação à mãe ou figura maternal ($\alpha = 0,89$), em relação ao pai ou figura paternal ($\alpha = 0,91$) e em relação ao companheiro ($\alpha = 0,72$). No nosso estudo, os alfas de Cronbach encontrados foram: escala total da *Ansiedade* ($\alpha = 0,89$; moderada) e à escala total de *Evitamento* ($\alpha = 0,89$; moderada). Especificamente, no que diz respeito à *Ansiedade*, os alfas de Cronbach foram os seguintes: *em relação à mãe* ($\alpha = 0,86$; moderada), *em relação ao pai* ($\alpha = 0,87$; moderada) e *em relação ao companheiro* ($\alpha = 0,85$; moderada). No que diz respeito ao *Evitamento*, os alfas de Cronbach foram os seguintes: *em relação à mãe* ($\alpha = 0,90$; alta), *em relação ao pai* ($\alpha = 0,89$; moderada) e *em relação ao companheiro* ($\alpha = 0,94$; alta).

Análise estatística

No presente estudo, para a análise e tratamento de dados, utilizámos o Programa *Statistical Package for the Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 25.0 para Macintosh Mavericks, 2017).

Iniciámos as análises com a exclusão de participantes tendo por base nos critérios de seleção.

Para a caracterização da amostra em termos sociodemográficos e da violência na infância e na atualidade foram feitas análises estatísticas descritivas, nomeadamente, as frequências absolutas e relativas e, ainda, calculado as médias e desvios-padrão para as variáveis em estudo (esquemas mal adaptativos precoces, vinculação e violência nas relações de intimidade).

Na verificação da normalidade observou-se que na sua maioria as escalas não apresentavam uma distribuição normal e correspondiam a medidas de tipo nominal e ordinal, associado ao número amostral pequeno, optou-se por utilizar estatísticas não paramétricas (Pallant, 2011).

Utilizámos o teste do qui-quadrado da independência para verificar a existência de associação entre duas variáveis categóricas. Cada uma das variáveis pode ter duas ou mais categorias (Pallant, 2011).

Foi utilizado o teste de Kruskal-Wallis para explorar os efeitos das características sociodemográficas (idade, estado civil e escolaridade) sobre as variáveis em estudo nos dois subgrupos (vítimas e não vítimas).

Determinámos a consistência interna através do alfa de Cronbach, recorrendo à classificação de Murphy e Davidshofer (2004, p. 150): $< 0,6$ *inaceitável*; $0,7$ *baixa*; $0,8-0,9$ *moderada a alta* e $> 0,9$ *alta*. Apesar do alfa inaceitável no esquema *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* (QEY-S3) e nas variáveis *Conforto com a Proximidade* e *Confiança nos Outros* (EVA), de acordo com Davis (1964, citado por Peterson, 1994) um alfa de $0,5$ é considerado aceitável, pelo que serão analisados os resultados obtidos com estas variáveis, a título exploratório.

Para analisar as correlações, utilizou-se o coeficiente de Spearman (variáveis sem distribuição normal). A interpretação da magnitude das correlações baseou-se nas recomendações de Cohen (1988): de $0,10$ a $0,29$ são consideradas *baixas*; de $0,30$ a $0,49$ *moderadas* e acima de $0,50$ *altas*.

Resultados

Conforme se pode verificar na Tabela 1, a amostra desta investigação foi constituída por 98 mulheres (49 vítimas e 49 não vítimas). As vítimas ($M = 46,08$; $DP = 12,25$) têm na sua maioria entre 36 a 45 anos de idade ($n = 21$; $42,9\%$), enquanto que nas não vítimas ($M = 37,88$; $DP = 14,05$) as idades variam com maior frequência nas subcategorias entre os 18 e os 55 anos de idade, concretamente entre os 18-25, os 26-35 e os 46-55. O teste do qui-quadrado da independência revelou que existe associação estatisticamente significativa entre a idade e o facto da pessoa ser vítima ou não vítima [$\chi^2(5, n = 98) = 20,19$; $p < 0,01$], com um efeito médio (Cramer's $V = 0,45$).

Quanto ao estado civil, a união de facto reúne a maioria entre as vítimas ($n = 18$) e nas não vítimas a maioria divide-se entre solteiras ($n = 23$) e em união de facto ($n = 19$), sendo que $32,7\%$ ($n = 16$) das vítimas encontram-se divorciadas. O teste do qui-quadrado da independência revelou

que existe associação estatisticamente significativa entre o estado civil e o facto da pessoa ser vítima ou não vítima [$\chi^2(4, n = 98) = 20,85; p < 0,001$], com um efeito médio (Cramer's V = 0,46).

Enquanto que 51,0% das vítimas frequentou apenas o ensino básico, 73,5% das não vítimas tem o ensino superior, encontrando-se aqui disparidade entre os dois subgrupos. O teste do qui-quadrado da independência revelou que existe associação estatisticamente significativa entre a escolaridade e o facto da pessoa ser vítima ou não vítima [$\chi^2(2, n = 98) = 27,82; p < 0,001$], com um efeito grande (Cramer's V = 0,53).

Tabela 1

Caracterização Sociodemográfica da Amostra (N = 98), Vítimas (n = 49) e Não Vítimas (n = 49)

		Total		Vítimas		Não Vítimas	
		n	%	n	%	n	%
Idade (M = 41,98; DP = 13,74)	18 – 25	15	15,3	2	4,1	13	26,5
	26 – 35	17	17,3	5	10,2	12	24,5
	36 – 45	28	28,6	21	42,9	7	14,3
	46 – 55	23	23,5	11	22,4	12	24,5
	56 – 65	10	10,2	6	12,2	4	8,2
	66 – 80	5	5,1	4	8,2	1	2,0
Estado Civil	Solteira	31	31,6	8	16,3	23	46,9
	Casada	10	10,2	5	10,2	5	10,2
	União de facto	37	37,8	18	36,7	19	38,8
	Divorciada	17	17,3	16	32,7	1	2,0
	Viúva	3	3,1	2	4,1	1	2,0
Escolaridade	Ensino básico	30	30,6	25	51,0	5	10,2
	Ensino secundário	21	21,4	13	26,5	8	16,3
	Ensino superior	47	48,0	11	22,4	36	73,5

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; n = número de sujeitos.

No que diz respeito à experiência de violência no seu agregado familiar durante a infância (Tabela 2), os resultados entre os dois subgrupos demonstraram que 71,4% (n = 70) não teve essa experiência (67,3% das vítimas e 75,5% das não vítimas). O teste do qui-quadrado da independência (com a correção de Continuidade) revelou que não existe associação estatisticamente significativa entre a experiência de violência no agregado familiar durante a infância e o facto da pessoa ser vítima ou não vítima [$\chi^2(1, n = 98) = 0,45; p = 0,50$], com um

efeito pequeno ($F_i = -0,09$). Da violência vivida na infância (Tabela 2), 18,4% ($n = 18$) foi observada enquanto que 7,1% ($n = 7$) foi diretamente com a pessoa; essa violência caracterizou-se maioritariamente por maus tratos físicos e psíquicos (15,2%), sendo que maus tratos psíquicos envolvem violência emocional e psicológica, injúrias e difamação, coação e ameaça, enquanto que os maus tratos físicos agrupam a violência física e a violência sexual.

Tabela 2

Caracterização da Violência na Infância na Amostra ($N = 98$), Vítimas ($n = 49$) e Não Vítimas ($n = 49$)

		Total		Vítimas		Não Vítimas	
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Violência na Infância	Sim	28	28,6	16	32,7	12	24,5
	Não	70	71,4	33	67,3	37	75,5
Caracterização da Violência	Direta	7	7,1	6	12,2	37	75,5
	Observada	18	18,4	8	16,3	1	2,0
	Direta e Observada	3	3,1	2	4,1	10	20,4
	Não se aplica	70	71,4	33	67,3	1	2,0
Tipo de Violência	Maus tratos físicos	4	4,1	3	6,1	1	2,9
	Maus tratos psíquicos	3	3,1	1	2,0	2	4,1
	Ambas	15	15,2	12	24,5	3	6,1
	Não se aplica/Não respondeu	76	77,6	33	67,3	43	87,8

Nota: n = número de sujeitos.

Na Tabela 3, onde estão apenas os dados referentes às vítimas, constata-se que 71,4% não mantêm a relação violenta ($n = 35$) enquanto que 28,6% ($n = 14$) mantêm. A maioria manteve a relação entre 12 a 20 anos ($n = 22$) e o maior período de violência foi também encontrado nesse intervalo de tempo ($n = 16$). A violência caracterizou-se, ainda, por englobar maus tratos físicos e psíquicos (45,9%), sendo que maus tratos psíquicos envolvem violência emocional e psicológica, injúrias e difamação, coação e ameaça, enquanto que os maus tratos físicos agrupam a violência física e a violência sexual. Destaca-se ainda que 57,2% ($n = 28$) das vítimas recebem apoio de instituições desde 1 a 6 meses.

Tabela 3*Caracterização da Violência na Atualidade nas Vítimas (n = 49)*

		<i>n</i>	%
Continuação da Relação	Sim	14	28,6
	Não	35	71,4
Duração da Relação	1 – 6 meses	2	4,0
	7 meses – 1 ano	4	8,2
	2 – 6 anos	14	28,6
	7 – 11 anos	7	14,3
	12 – 20 anos	22	44,9
Duração da Violência	1 – 6 meses	7	14,3
	7 meses – 1 ano	6	12,2
	2 – 6 anos	14	28,6
	7 – 11 anos	6	12,2
	12 – 20 anos	16	32,7
Tipo de Violência	Maus tratos psíquicos	4	8,1
	Maus tratos físicos e psíquicos	45	91,9
Apoio	1 – 6 meses	28	57,2
	7 meses – 1 ano	8	16,3
	2 – 6 anos	5	10,2
	7 – 11 anos	5	10,2
	12 – 20 anos	3	6,1

Nota: *n* = número de sujeitos.

Na Tabela 4 apresentam-se apenas os valores médios e desvios-padrão dos esquemas do QEY-S3 que apresentaram valores admissíveis de consistência interna, tendo sido excluídos, *Dependência/Incompetência*, *Vulnerabilidade ao Mal e à Doença*, *Emaranhamento/Eu Subdesenvolvido*, *Grandiosidade/Limites Indefinidos*, *Autocontrole/Autodisciplina Insuficientes* e *Procura de Aprovação/Reconhecimento*. O esquema *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* foi mantido, a título exploratório, porque apesar da sua consistência interna revelou ser um dos esquemas com valor médio elevado.

Observando os resultados obtidos (Tabela 4), podemos constatar que os esquemas mal adaptativos revelam valores médios mais elevados entre as vítimas do que entre as não vítimas. Esses esquemas foram *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Privação Emocional*, *Subjugação*, *Auto-Sacrifício*, *Negativismo/Pessimismo*, *Inibição Emocional* e *Padrões*

Rígidos/Hipercriticismo. Tanto vítimas como não vítimas apresentam valores médios superiores a 3 na variável *Conforto/Confiança* e inferiores a 3 na variável *Ansiedade*, características do protótipo de vinculação seguro. No que diz respeito ao total do evitamento e ao total da ansiedade em relação a figuras significativas, os valores médios obtidos pelas vítimas (*Total Evitamento*: $M = 11,69$; $DP = 3,80$; *Total Ansiedade*: $M = 8,46$; $DP = 4,06$), são superiores aos obtidos pelas não vítimas (*Evitamento*: $M = 7,28$; $DP = 2,63$; *Ansiedade*: $M = 7,78$; $DP = 5,34$). Entre as vítimas, destaca-se o valor médio de *Evitamento em relação ao companheiro* ($M = 5,01$; $DP = 1,86$).

Podemos verificar também as diferenças nas pontuações das escalas relativas a ambos os subgrupos entre os grupos definidos pelas variáveis sociodemográficas, através do teste Kruskal-Wallis.

Quanto ao QEY-S3 só se verificaram diferenças estatisticamente significativas no esquema *Desconfiança/Abuso* nas vítimas relativamente à idade [$\chi^2(5, n = 49) = 13,39$; $p = 0,02$]. As vítimas entre os 18 e os 25 anos de idade obtiveram uma pontuação mediana mais alta ($Md = 4,40$) em relação aos restantes grupos. No que concerne às subescalas da EVA e em relação às vítimas e não vítimas foi possível verificar que este não revelou diferenças estatisticamente significativas relativamente à idade ($p > 0,05$). Quanto ao ERP-ER só se verificaram diferenças estatisticamente significativas no *Evitamento em relação ao pai* nas não vítimas relativamente à idade [$\chi^2(5, n = 49) = 12,34$; $p = 0,03$]. As não vítimas entre os 46 e os 55 anos de idade obtiveram uma pontuação mediana mais alta ($Md = 3,50$) em relação aos restantes grupos.

Quanto ao QEY-S3 só se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas vítimas no esquema *Privação Emocional* [$\chi^2(4, n = 49) = 11,37$; $p = 0,02$] e *Punição* [$\chi^2(4, n = 49) = 11,05$; $p = 0,02$] relativamente ao estado civil. As viúvas obtiveram uma pontuação mediana mais alta ($Md = 4,70$) em relação aos restantes grupos, que pontuaram valores mais baixos. No que concerne às subescalas da EVA e da ERP-ER e em relação às vítimas e não vítimas foi possível verificar que este não revelou diferenças estatisticamente significativas relativamente aos diferentes níveis de escolaridade ($p > 0,05$).

No que concerne às subescalas da EVA e às dimensões do QEY-S3 e em relação às vítimas e não vítimas foi possível verificar que este não revelou diferenças estatisticamente significativas relativamente aos diferentes níveis de escolaridade ($p > 0,05$). Quanto ao ERP-ER só se verificaram diferenças estatisticamente significativas na *Ansiedade em relação à mãe* nas não vítimas relativamente aos diferentes níveis de escolaridade [$\chi^2(2, n = 49) = 6,27$; $p = 0,04$]. As não

vítimas com o ensino secundário obtiveram uma pontuação mediana mais alta ($Md = 3,50$) em relação aos outros dois grupos, que pontuaram valores mais baixos.

Tabela 4

Médias e desvios-padrão totais e por subgrupos (N = 98), Vítimas (n = 49) e Não Vítimas (n = 49)

		Total		Vítimas		Não Vítimas	
		M	DP	M	DP	M	DP
Domínio I - Distanciamento e Rejeição							
	Abandono/Instabilidade	2,56	1,24	2,97	1,24	2,16	1,11
	Desconfiança/Abuso	2,54	1,11	2,89	1,24	2,19	0,83
	Privação Emocional	2,20	1,17	2,68	1,20	1,72	0,93
	Defeito/Vergonha	1,70	0,86	1,94	0,99	1,45	0,62
	Isolamento Social/Alienação	2,09	0,98	2,32	1,15	1,85	0,71
Domínio II - Autonomia e Desempenho Deteriorados							
	Fracasso	1,73	0,80	1,88	0,91	1,57	0,65
Domínio IV - Influência dos Outros							
QEY	Subjugação	2,15	1,00	2,55	1,06	1,74	0,76
	Auto-Sacrifício	3,36	1,27	3,94	1,28	2,78	0,97
Domínio V - Supervigilância e Inibição							
	Negativismo/Pessimismo	2,95	1,28	3,29	1,34	2,61	1,13
	Inibição Emocional	2,42	1,20	2,79	1,30	2,04	0,97
	Padrões Rígidos/Hipercriticismo	3,42	1,02	3,59	1,07	3,25	0,94
	Punição	2,27	0,97	2,36	1,13	2,18	0,78
EVA	Ansiedade	2,44	0,99	2,55	1,05	2,32	0,93
	Conforto com a Proximidade	3,58	0,69	3,50	0,80	3,65	0,56
	Confiança nos Outros	2,97	0,75	2,73	0,75	3,22	0,67
	Conforto/Confiança	3,33	0,60	3,33	0,65	3,42	0,51
ERP-ER	Evitamento em relação à mãe	2,95	1,64	3,26	1,83	2,64	1,37
	Evitamento em relação ao pai	3,08	1,74	3,37	2,04	2,78	1,33
	Evitamento em relação ao companheiro	3,52	2,14	5,01	1,86	2,03	1,11
	Ansiedade em relação à mãe	2,82	1,78	3,01	1,82	2,64	1,74
	Ansiedade em relação ao pai	2,35	1,85	2,33	1,74	2,36	1,96
	Ansiedade em relação ao companheiro	3,10	1,84	3,24	1,86	2,96	1,82

Notas: M = Média; DP = Desvio Padrão; Os valores médios mais elevados encontram-se assinalados a negrito.

Ao analisar a frequência relativa aos protótipos de vinculação (Tabela 5), verifica-se uma semelhança nos dois subgrupos no sentido em que a maioria das participantes revelou um protótipo de vinculação seguro, embora a percentagem mais expressiva nas não vítimas (61,2%). Em relação às vítimas destaca-se ainda o protótipo amedrontado com 20,4%. No grupo das não vítimas o protótipo preocupado foi o segundo mais pontuado, embora com um valor pouco expressivo, com 16,3%. Os indivíduos assinalados como “Não classificável”, foram os que não se enquadrando em nenhuma outra categoria, se encontravam nos valores limites entre duas dimensões (Canavarro et al., 2006).

Tabela 5

Frequência dos Protótipos de Vinculação total e por subgrupos (N = 98), Vítimas (n = 49) e Não Vítimas (n = 49)

	Total		Vítimas		Não Vítimas	
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Seguro	54	55,1	24	49,0	30	61,2
Preocupado	13	13,3	5	10,2	8	16,3
Desligado	9	9,2	5	10,2	4	8,2
Amedrontado	14	14,3	10	20,4	4	8,2
Não classificável	8	8,1	5	10,2	3	7,1

Nota: *n* = número de sujeitos.

A Tabela 6, apresenta a matriz de correlações de Spearman realizadas entre as dimensões em estudo, nomeadamente o ERP-ER e o EVA.

Nas vítimas, quanto à *Ansiedade* verificaram-se correlações moderadas com o *Evitamento em relação à mãe*, o *Evitamento em relação ao companheiro*, a *Ansiedade em relação à mãe*, a *Ansiedade em relação ao pai* e a *Ansiedade em relação ao companheiro*. O *Conforto com a Proximidade* correlacionou-se com a *Ansiedade em relação ao companheiro* (magnitude moderada).

Entre as não vítimas, quanto à *Ansiedade* verificaram-se correlações moderadas com o *Evitamento em relação à mãe*, *Ansiedade em relação à mãe*, *Evitamento em relação ao companheiro*, *Ansiedade em relação ao pai*. Adicionalmente verificou-se uma correlação elevada com a *Ansiedade em relação ao companheiro*. A *Confiança nos Outros* correlacionou-se de forma negativa e elevada com o *Evitamento em relação ao companheiro*; e de forma moderada, com a

Ansiedade em relação à mãe, a Ansiedade em relação ao pai e a Ansiedade em relação ao companheiro.

Tabela 6

Correlações entre as dimensões do ERP-ER e as dimensões do EVA

		<i>Vítimas (n = 49)</i>			<i>Não Vítimas (n = 49)</i>		
		<i>Ansiedade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Conforto</i>	<i>Ansiedade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Conforto</i>
Evitamento	Mãe	0,45**	-0,21	-0,25	0,37**	-0,22	-0,16
	Pai	0,24	0,04	-0,19	0,20	-0,22	-0,27
	Companheiro	0,19	0,01	0,04	0,33*	-0,58**	-0,17
Ansiedade	Mãe	0,32*	-0,16	-0,01	0,45**	-0,45**	-0,09
	Pai	0,34*	0,09	-0,02	0,44**	-0,35*	-0,01
	Companheiro	0,41**	-0,04	-0,41**	0,57**	-0,46**	0,04

Notas: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Na Tabela 7, apresenta-se a matriz de correlações de Spearman realizadas entre as dimensões em estudo, nomeadamente o EVA e o QEY-S3.

No que diz respeito às vítimas, todos os esquemas se correlacionaram positivamente com a dimensão *Ansiedade* à exceção do *Auto-Sacrifício* e *Padrões Rígidos/Hipercriticismo*, sendo o esquema *Abandono/Instabilidade* o que mais se destacou (magnitude elevada). Nas dimensões *Confiança nos Outros* e *Conforto com a Proximidade*, todas as correlações existentes foram negativas; na dimensão *Confiança nos Outros*, destacam-se os esquemas *Desconfiança/Abuso* e o *Negativismo/Pessimismo*, com magnitude moderada, enquanto que, na dimensão *Conforto com a Proximidade* se destacam os esquemas *Desconfiança/Abuso* e *Isolamento Social/Alienação* com magnitude elevada.

Em relação às não vítimas, correlacionam-se de forma elevada com a dimensão *Ansiedade*, os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Privação Emocional* e *Defeito/Vergonha*; e, de forma moderada, os esquemas *Subjugação* e *Inibição Emocional*. Na dimensão *Confiança nos Outros* correlacionam-se de forma negativa e elevada os esquemas, *Privação Emocional* e *Defeito/Vergonha*; e, de forma moderada, os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Isolamento Social/Alienação*, *Subjugação*, *Auto-Sacrifício* e *Inibição Emocional*. Na dimensão *Conforto com a Proximidade* verificou-se uma correlação negativa, com magnitude moderada, com os esquemas *Isolamento Social/Alienação* e *Inibição Emocional*.

Tabela 7
Correlações entre as dimensões do EVA e os esquemas do QEY-S3

	<i>Vítimas (n = 49)</i>			<i>Não Vítimas (n = 49)</i>		
	<i>Ansiedade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Conforto</i>	<i>Ansiedade</i>	<i>Confiança</i>	<i>Conforto</i>
Abandono/Instabilidade	0,82**	-0,16	-0,36*	0,58**	-0,45**	-0,19
Desconfiança/Abuso	0,57**	-0,42**	-0,66**	0,28	-0,46**	-0,01
Privação Emocional	0,39**	-0,38**	-0,27	0,60**	-0,60**	-0,24
Defeito/Vergonha	0,65**	-0,24	-0,62**	0,60**	-0,55**	-0,20
Isolamento Social/Alie.	0,62**	-0,41**	-0,64**	0,24	-0,30*	-0,33*
Fracasso	0,51**	-0,22	-0,50**	0,13	-0,002	-0,19
Subjugação	0,41**	-0,24	-0,39**	0,49**	-0,45**	-0,25
Auto-Sacrifício	0,18	-0,14	-0,11	0,17	-0,35*	-0,04
Negativismo/Pessimismo	0,52**	-0,42**	-0,51**	0,20	-0,28	0,11
Inibição Emocional	0,55**	-0,19	-0,49**	0,52**	-0,49**	-0,41**
Padrões Rígidos/Hiper.	0,02	-0,21	-0,21	0,12	-0,19	0,10
Punição	0,44**	-0,10	-0,52**	0,07	-0,14	0,01

Notas: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

A Tabela 8, apresenta a matriz de correlações de Spearman realizadas entre as dimensões em estudo, nomeadamente o ERP-ER e o QEY-S3.

Relativamente às vítimas, quanto à dimensão *Evitamento em relação à mãe*, verificaram-se correlações moderadas com os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Privação Emocional*, *Defeito/Vergonha*, *Isolamento Social/Alienação*, *Subjugação*, *Inibição Emocional* e *Negativismo/Pessimismo*. Na dimensão *Evitamento em relação ao pai* verificou-se uma correlação moderada apenas com o esquema *Abandono/Instabilidade* e na dimensão *Evitamento em relação ao companheiro* uma correlação moderada com o esquema *Inibição Emocional*. Verificaram-se correlações moderadas, na dimensão *Ansiedade em relação à mãe*, com o esquema *Privação Emocional*; na dimensão *Ansiedade em relação ao pai* com o esquema *Abandono/Instabilidade* e na dimensão *Ansiedade em relação ao companheiro* com os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Defeito/Vergonha* e *Isolamento Social/Alienação*.

Tabela 8

Correlações entre as dimensões do ERP-ER e os esquemas do QEY-S3 em Vítimas (n = 49)

	<i>Evitamento</i>			<i>Ansiedade</i>		
	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Companheiro</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Companheiro</i>
Abandono/Instabilidade	0,41**	0,32*	0,14	0,19	0,30*	0,31*
Desconfiança/Abuso	0,53**	0,16	0,01	0,11	0,07	0,34*
Privação Emocional	0,39**	0,07	-0,05	0,33*	0,20	0,12
Defeito/Vergonha	0,48**	0,27	-0,001	0,18	0,26	0,46**
Isolamento Social/Alie.	0,34*	0,33*	-0,002	0,11	0,17	0,38**
Fracasso	0,23	0,26	-0,01	0,08	0,16	0,25
Subjugação	0,32*	0,02	0,18	0,13	0,11	0,07
Auto-Sacrifício	0,21	0,05	0,11	0,08	0,10	-0,09
Negativismo/Pessimismo	0,35*	0,18	0,18	0,06	0,16	0,12
Inibição Emocional	0,37**	0,05	0,37**	0,05	0,13	0,15
Padrões Rígidos/Hiper.	0,18	-0,05	0,14	0,04	-0,14	0,09
Punição	0,15	0,21	0,24	0,04	0,12	0,20

Notas: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

A Tabela 9, apresenta a matriz de correlações de Spearman realizadas entre as dimensões em estudo, nomeadamente o ERP-ER e o QEY-S3.

Em relação às não vítimas, quanto à dimensão *Evitamento em relação à mãe*, verificaram-se correlações moderadas com os esquemas *Desconfiança/Abuso*, *Privação Emocional*, *Defeito/Vergonha* e *Subjugação*; na dimensão *Evitamento em relação ao pai* verificaram-se correlações moderadas com os esquemas *Privação Emocional*, *Defeito/Vergonha*, *Isolamento Social/Alienação*, *Subjugação* e *Inibição Emocional*; na dimensão *Evitamento em relação ao companheiro* verificou-se uma correlação elevada com o esquema *Privação Emocional*; e correlações moderadas com os esquemas *Desconfiança/Abuso*, *Defeito/Vergonha*, *Isolamento Social/Alienação*, *Subjugação* e *Inibição Emocional*. Na dimensão *Ansiedade em relação à mãe*, verificaram-se correlações moderadas com os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Defeito/Vergonha*, *Subjugação* e *Negativismo/Pessimismo*. Na dimensão *Ansiedade em relação ao pai* verificaram-se correlações moderadas com os esquemas *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Defeito/Vergonha* e *Subjugação*. Na dimensão *Ansiedade em relação ao companheiro* verificaram-se correlações moderadas com os esquemas

Abandono/Instabilidade, Desconfiança/Abuso, Privação Emocional, Defeito/Vergonha, Negativismo/Pessimismo e uma correlação baixa com o esquema *Punição*.

Tabela 9

Correlações entre as dimensões do ERP-ER e os esquemas do QEY-S3 em Não Vítimas (n = 49)

	<i>Evitamento</i>			<i>Ansiedade</i>		
	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Companheiro</i>	<i>Mãe</i>	<i>Pai</i>	<i>Companheiro</i>
Abandono/Instabilidade	0,28	0,09	0,18	0,35*	0,39**	0,44**
Desconfiança/Abuso	0,35*	0,21	0,45**	0,41**	0,32*	0,43**
Privação Emocional	0,46**	0,33*	0,54**	0,28	0,24	0,48**
Defeito/Vergonha	0,37**	0,43**	0,30*	0,36*	0,31*	0,37**
Isolamento Social/Alie.	0,14	0,32*	0,31*	0,13	0,08	0,21
Fracasso	-0,08	0,20	-0,11	-0,07	-0,10	-0,04
Subjugação	0,38**	0,46**	0,31*	0,35*	0,40**	0,25
Auto-Sacrifício	0,05	0,11	0,05	0,08	0,26	0,11
Negativismo/Pessimismo	0,16	0,15	0,27	0,31*	0,27	0,37**
Inibição Emocional	0,26	0,42**	0,39**	0,20	0,21	0,23
Padrões Rígidos/Hiper.	0,04	0,20	0,14	-0,08	0,08	0,16
Punição	-0,05	-0,05	-0,04	0,12	0,24	0,29*

Notas: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Discussão

O principal objetivo do nosso estudo passava pela exploração de associações entre as dimensões de vinculação e os esquemas mal adaptativos precoces, em função da existência ou não de violência. Para além destas associações, explorou-se os dados sociodemográficos obtidos entre os dois subgrupos, no sentido de os caracterizarmos.

Partindo da caracterização da amostra em termos sociodemográficos, é importante evidenciar a discrepância encontrada entre os dois subgrupos em estudo no que diz respeito à escolaridade (51,0% das vítimas só frequentou o ensino básico vs. 73,5% das não vítimas tem o ensino superior). Esta discrepância pode ser justificada pela hipótese de que mulheres com maior escolaridade têm subsequentemente mais acesso a diferentes recursos, tornando-se menos tolerantes a um relacionamento abusivo (Bazargan-Hejazi, Medeiros, Mohammadi, Lin e Dalal, 2013). A educação concede autonomia, o que no caso das mulheres, altera as suas condições

socioeconómicas e melhora as suas estratégias de *coping*, afastando-as da manutenção de um relacionamento violento (Jewkes, 2002).

Nesta investigação, no que concerne à caracterização da amostra quanto à violência na infância, os resultados apontam para que não exista uma relação entre o facto de ser vítima ou não vítima com a existência de violência durante a infância. Num estudo de Popescu, Drumm, Dewan e Rusu (2010), é indicado que a violência vivida durante a infância pode conduzir a dois resultados distintos: se por um lado pode prever o envolvimento numa relação violenta na adultez, por outro, através de procura de ajuda profissional, por exemplo, o sujeito pode ultrapassar essa experiência traumática e aumentar a sua resiliência e estratégias de *coping* perante comportamentos semelhantes que possam vir a ser vividos no futuro. A violência na infância é considerada por diversos autores (Crawford e Wright, 2007; Kerley et al., 2010; Levendosky et al., 2012; Sani, 2003) como um fator de risco ou vulnerabilidade em relação à possível existência de violência numa relação de intimidade, no entanto, não foi o que verificámos no nosso estudo.

Outra informação que merece destaque, em termos da caracterização da amostra relativa à violência na atualidade, é o facto de algumas vítimas em estudo ($n = 14$) ainda se encontrarem na relação, sendo que 44,9% das relações violentas analisadas têm um período de duração entre 12 a 20 anos. Uma explicação plausível é o facto de que relações mais longas conduzem à criação de laços afetivos e possivelmente a fatores de dependência. Estes fatores podem estar relacionados com a personalidade prévia das vítimas, podendo não ser uma consequência, mas estando também na génese aumentando assim a dificuldade da mulher em sair da relação (Triantafyllou, Wang e North, 2016). Segundo Heise, Ellsberg e Gottemoeller (1999), a mulher pode ainda manter-se na relação violenta por outros motivos, tais como, falta de apoio por parte da família ou amigos, falta de meios económicos, medo de retaliação por parte do companheiro, preocupação com os seus filhos ou medo de perder a sua custódia e esperança na mudança de atitude por parte do companheiro.

Salienta-se ainda que a violência sofrida por parte das vítimas que integram o nosso estudo, engloba maioritariamente (91,9%), quer maus tratos psíquicos (violência emocional e psicológica, injúrias e difamação, coação e ameaça) quer maus tratos físicos (violência física e violência sexual). Tais dados encontram-se em conformidade com os dados recolhidos pela APAV (2017), que verificou que 77% dos atendimentos feitos, envolviam vítimas de maus tratos físicos e psíquicos. Apesar da duração longa (entre 12 e 20 anos) na maioria das relações violentas em

estudo, é curioso que 57,2% das vítimas só procurou apoio de uma instituição num período de entre há 1 e 6 meses. Este é um dado especialmente preocupante, porque traduz que muitas vítimas passam por este processo em silêncio durante muito tempo, até que procurem acompanhamento.

Seguindo com a análise relativa aos resultados obtidos sobre a vinculação, o protótipo de vinculação amedrontado, para além do seguro, foi observado como tendo algum peso entre as vítimas em estudo. Este é um protótipo em que o sujeito, neste caso, a vítima, tem uma interpretação negativa de si e dos outros, geralmente associado a sentimentos de instabilidade e insegurança, características de um ambiente de uma relação violenta. Num estudo de Mason e colaboradores (2005), este protótipo foi relacionado com diversos esquemas mal adaptativos precoces como *Desconfiança/Abuso* ($M = 4,48$), *Isolamento Social/Alienação* ($M = 4,29$), *Inibição Emocional* ($M = 4,23$) e *Defeito/Vergonha* ($M = 3,68$), dados que vão ao encontro dos resultados deste estudo e serão analisados no seguimento da discussão.

A regulação emocional e o evitamento são dois processos fundamentais para a compreensão de comportamentos patológicos que ocorrem no contexto de emoções e outras experiências aversivas (Langer e Lawrence, 2010). Neste caso, as vítimas analisadas demonstram um elevado evitamento em relação ao seu companheiro. Segundo Davidson, Lozano, Cole e Gervais (2015), mulheres que sofreram algum tipo de abuso por parte do companheiro podem adotar o evitamento como um mecanismo de defesa, que a curto prazo, as afasta do agressor e subsequentemente da situação traumática.

Foi encontrada entre as vítimas, uma relação negativa entre a ansiedade relativa ao companheiro e o conforto com a proximidade, o que indica que quanto mais ansiosa a vítima se sente em relação ao seu agressor, menos à vontade se vai sentir perto dele. No que diz respeito às não vítimas, verificou-se uma relação negativa entre o evitamento em relação às figuras significativas e à confiança nos outros, sugerindo que quando estas menos evitam as figuras significativas, demonstram maiores níveis de confiança. Estes resultados sugerem que uma mulher que não esteja exposta à violência na sua relação de intimidade considera-se mais segura relativamente às suas relações próximas, não sentido necessidade de utilizar o evitamento como um mecanismo de defesa.

No que diz respeito a outro dos objetivos do nosso estudo, a análise dos esquemas mal adaptativos precoces, as vítimas presentes no nosso estudo obtiveram valores médios mais elevados em esquemas pertencentes ao Domínio I – Distanciamento e Rejeição

(*Desconfiança/Abuso*, *Abandono/Instabilidade* e *Privação Emocional*), ao Domínio IV – Influência dos Outros (*Auto-Sacrifício* e *Subjugação*) e ao Domínio V – Vigilância e Inibição (*Padrões Rígidos/Hipercriticismo*, *Negativismo/Pessimismo* e *Inibição Emocional*). A presença de esquemas mal adaptativos como estes numa população de vítimas de violência em relações de intimidade é perfeitamente plausível. Quando alguém é ou foi agredido, é natural que tenha sentimentos de desconfiança quanto à possibilidade de novos abusos ou humilhações. A própria agressão, sob qualquer forma, transmite instabilidade emocional ou imprevisibilidade, o que pode gerar na vítima uma sensação de desamparo e carência de afeto, empatia ou proteção. Ao inibir os próprios impulsos para evitar reprovação e ao procurar constantemente satisfazer as necessidades do outro à custa das próprias, a vítima pode tornar-se compassiva em relação a comportamentos de teor violento. Uma relação violenta é pautada por um ambiente de preocupação excessiva onde a vítima teme que o parceiro se sinta provocado e se torne violento, suprimindo, assim, as suas necessidades e emoções com receio de atitudes de raiva, retaliação ou abandono.

Segundo Paim e colaboradores (2012), também os esquemas *Desconfiança/Abuso* ($r = 0,167$; $p < 0,05$), *Auto-Sacrifício* ($r = 0,224$; $p < 0,01$) e *Padrões Rígidos/Hipercriticismo* ($r = 0,172$; $p < 0,05$) se encontram significativamente associados com a vitimização nas relações íntimas. Ainda num estudo de Crawford e Wright (2007), a presença de esquemas mal adaptativos precoces como *Desconfiança/Abuso* ($t = 2,51$; $p < 0,01$), *Auto-Sacrifício* ($t = 2,57$; $p < 0,01$) e *Inibição Emocional* ($t = 2,28$; $p < 0,02$) surge como indicador de mal-estar psicológico e experiência de vitimização em adultos. Estes estudos vão ao encontro daquilo que observámos na nossa investigação.

Associando também os esquemas mal adaptativos precoces com as variáveis sociodemográficas das vítimas, verificou-se a existência de diferenças no esquema *Desconfiança/Abuso* nas vítimas relativamente à idade (faixa etária dos 18 aos 25 anos), bem como só se verificou a existência de diferenças nas vítimas nos esquemas *Privação Emocional* e *Punição* relativamente ao estado civil (viúva). Estes resultados indicam que uma vítima mais jovem demonstra mais receio de ser manipulada, magoada e tem mais presente a sensação de que irá ser sempre enganada, do que as vítimas com mais idade. Estes resultados podem indicar ainda que uma vítima que já não tem o seu companheiro vivo, revela a necessidade de atenção, afeto, compreensão, proteção e a expectativa de que estas necessidades nunca serão atendidas, bem como

a incapacidade de perdoar tanto os seus erros como os do outro com a percepção de que já não haverá oportunidade de reparação (Young et al., 2008).

A relação entre esquemas como *Desconfiança/Abuso*, *Isolamento Social/Alienação*, *Fracasso*, *Negativismo/Pessimismo* e *Punição* e a Ansiedade, encontrada no nosso estudo, indicam que sentimentos de desconfiança perante as atitudes do outro, a sensação de que se está completamente deslocada, que nunca irá alcançar nada do que ambiciona, que nada irá correr bem e que merece ser castigada aumentam os níveis de ansiedade nas vítimas em relação à possibilidade de abandono ou de não ser desejada. Verificou-se que a confiança nos outros se relacionou negativamente com os esquemas *Desconfiança/Abuso* e *Negativismo/Pessimismo*, e ainda que, o conforto com a proximidade também se relacionou negativamente com os esquemas *Desconfiança/Abuso* e *Isolamento Social/Alienação*. Estes resultados indicam-nos que as vítimas são incapazes de depositar confiança nos outros porque já internalizaram a ideia de que os outros as irão magoar, humilhar e estão extremamente focadas nos aspetos negativos das suas vidas bem como têm dificuldade em aproximar-se nas suas relações por terem a sensação de que vão ser sempre enganadas e que não pertencem nem se encaixam em nenhum grupo.

Quando correlacionados os dados relativos às não vítimas, verificou-se que quanto mais confiança nos outros, menor é a presença de esquemas como *Privação Emocional*, *Abandono/Instabilidade*, *Desconfiança/Abuso*, *Isolamento Social/Alienação*, *Defeito/Vergonha*, *Subjugação*, *Auto-Sacrifício* e *Inibição Emocional*. Assim, a capacidade para depositar confiança nos outros está relacionada com o não evitamento de relacionamentos íntimos com receio de abandono, a capacidade para procurar interações sociais, a expressão de sentimentos, bem como o deixar que os outros se aproximem. Da mesma forma, quanto maior o conforto com a proximidade, menor é a presença de esquemas como *Isolamento Social/Alienação* e *Inibição Emocional*, ou seja, uma pessoa que demonstra conforto com a intimidade ou proximidade em relação a outros, não irá evitar situações de carácter social nem evitar a manifestação das suas emoções e sentimentos.

É expectável que exista uma relação entre esquemas mal adaptativos precoces e as dimensões da vinculação, ansiedade e evitamento, tendo Mason e colaboradores (2005) sugerido que a presença de esquemas mal adaptativos precoces interfere diretamente com o estabelecimento de relações. A presença de um esquema mal adaptativo precoce pressupõe a existência de situações vividas na infância, que tenham impacto na vida presente do sujeito, podendo ter influência em variáveis como a ansiedade e o evitamento, em relação ao companheiro. Curiosamente, no nosso

estudo, entre as vítimas, apenas os esquemas com valores médios mais elevados, demonstraram essa relação.

Outro resultado relevante é que os esquemas com valores médios mais elevados apresentam também uma relação com o evitamento em relação à mãe. Habitualmente, a mãe é a figura mais significativa no desenvolvimento na infância precoce, nomeadamente em relação à vinculação. Neste caso, estando os esquemas mal adaptativos precoces relacionados com o evitamento a esta figura de relevância, pode questionar-se até que ponto foi mediadora na formação dos esquemas com impacto na qualidade do estabelecimento de outras relações.

Esta investigação revela algumas limitações metodológicas que devem ser consideradas. Em primeiro lugar, o facto de ser um estudo transversal impede o estabelecimento de relações causais, permitindo apenas o estudo da prevalência e não da incidência das variáveis em análise. Também a recolha da amostra entre as não vítimas pode ser considerada uma limitação, visto que esta foi feita através do efeito bola de neve, tanto *online* como presencial, o que pode de certa forma influenciar dados sociodemográficos, como a escolaridade. Outra possível limitação é o facto de não terem sido definidos critérios para o estabelecimento de um perfil *vítima-agressor*, visto que alguns casos de violência na relação de intimidade são pautados por situações de hetero agressividade entre o casal.

Sugere-se que, em investigações futuras, possa ser feita uma replicação deste estudo, no sentido de obter um maior número de amostra e com a inclusão de um instrumento que avalie a sintomatologia psicopatológica.

Como tinha sido proposto inicialmente, pretendia-se com esta investigação, estudar os vínculos relacionais e esquemas precoces em vítimas de violência nas relações de intimidade. Tínhamos como ambição perceber os ciclos de violência, traçando um perfil mais adequado e específico das vítimas, para que fosse de alguma forma útil como ferramenta, de forma a apostar na prevenção, na intervenção adequada e na diminuição da reincidência da violência. Como se tratou de um estudo comparativo, todas as elações que se possam retirar, especificamente para quem trabalha diretamente com esta população, serão importantes, visto que foram abordadas características muito específicas das vítimas.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. e Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Ainsworth, M. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44(4), 709-716. doi:10.1037/0003-066X.44.4.709
- Allison, C. J., Bartholomew, K., Mayseless, O. e Dutton, D. G. (2007). Love as a battlefield: Attachment and relationship dynamics in couples identified for male partner violence. *Journal of Family Issues*, 29(1), 125-150. doi:10.1177/0192513X07306980
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2017). *Estatísticas APAV - Relatório anual 2016*. Acedido em 30, março, 2017, em https://www.apav.pt/apav_v3/images/pdf/Estatisticas_APAV_Relatorio_Anual_2016.pdf
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. doi:10.1177/0265407590072001
- Bazargan-Hejazi, S., Medeiros, S., Mohammadi, R., Lin, J. e Dalal, K. (2013). Patterns of intimate partner violence: A study of female victims in Malawi. *Journal of Injury and Violence Research*, 5(1), 38-50. doi:10.5249/jivr.v5i1.139
- Beck, A. T. (1976). *Cognitive therapy and the emotional disorders*. New York, NY: International Universities Press.
- Bond, S. B. e Bond, M. (2004). Attachment styles and violence within couples. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 192(12), 857-863. doi:10.1097/01.nmd.0000146879.33957.ec
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and loss: Attachment* (Vol. 1, 2.^a ed.). New York, NY: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1969)
- Calvete, E., Estévez, A. e Corral, S. (2007). Intimate partner violence and depressive symptoms in women: Cognitive schemas as moderators and mediators. *Behaviour Research and Therapy*, 45(4), 791-804. doi:10.1016/j.brat.2006.07.006
- Canavarro, M. C., Dias, P. e Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa. *Psicologia*, 20(1), 155-186. doi:10.17575/rpsicol.v20i1.381
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2.^a ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

- Collins, N. L. e Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(4), 644-663. doi:10.1037/0022-3514.58.4.644
- Cottrell, B. e Monk, P. (2004). Adolescent-to-Parent abuse: A qualitative overview of common themes. *Journal of Family Issues*, 25(8), 1072-1095. doi:10.1177/0192513X03261330
- Crawford, E. e Wright, M. (2007). The impact of childhood psychological maltreatment on interpersonal schemas and subsequent experiences of relationship aggression. *Journal of Emotional Abuse*, 7(2), 93-116. doi:10.1300/J135v07n02_06
- Dahlberg, L. L. e Krug, E. G. (2006). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178. doi:10.1590/S1413-81232006000500007
- Dattilio, F. M. (2010). *Cognitive-behavioral therapy with couples and families: A comprehensive guide for clinicians* (1.^a ed.). New York, NY: Guilford Press.
- Davidson, M. M., Lozano, N. M., Cole, B. P. e Gervais, S. J. (2015). Relations between intimate partner violence and forgiveness among college women. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(18), 3217-3243. doi:10.1177/0886260514555008
- Doumas, D. M., Pearson, C. L., Elgin, J. E. e McKinley, L. L. (2008). Adult attachment as a risk factor for intimate partner violence: The "mispairing" of partners' attachment styles. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(5), 616-634. doi:10.1177/0886260507313526
- Dutton, D. G. e White, K. R. (2012). Attachment insecurity and intimate partner violence. *Aggression and Violent Behavior*, 17(5), 475-481. doi:10.1016/j.avb.2012.07.003
- Ellis, A. e Bernard, M. E. (1985). *Clinical applications of Rational-Emotive Therapy* (1.^a ed.). New York, NY: Plenum Press. doi:10.1007/978-1-4613-2485-0
- Fraley, R. C., Heffernan, M. E., Vicary, A. M. e Brumbaugh, C. C. (2011). The Experiences in Close Relationships – Relationship Structures Questionnaire: A method for assessing attachment orientations across relationships. *Psychological Assessment*, 23(3), 615-625. doi:10.1037/a0022898
- Gay, L. E., Harding, H. G., Jackson, J. L., Burns, E. E. e Baker, B. D. (2013). Attachment style and early maladaptive schemas as mediators of the relationship between childhood emotional abuse and intimate partner violence. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 22(4), 408-424. doi:10.1080/10926771.2013.775982

- Hazan, C. e Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524. doi:10.1037/0022-3514.52.3.511
- Heise, L., Ellsberg, M. e Gottemoeller, M. (1999). Ending violence against women. *Population Reports*, 27(4), 1-43.
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: Causes and prevention. *Lancet*, 359(9315), 1423-1429. doi:10.1016/s0140-6736(02)08357-5
- Kerley, K. R., Xu, X., Sirisunyaluck, B. e Alley, J. M. (2010). Exposure to family violence in childhood and intimate partner perpetration or victimization in adulthood: Exploring intergenerational transmission in urban thailand. *Journal of Family Violence*, 25(3), 337-347. doi:10.1007/s10896-009-9295-71
- Langer, A. e Lawrence, E. (2010). Emotion regulation and experiential avoidance in intimate partner violence. Em A. M. Columbus (Ed.), *Advances in Psychology Research* (Vol. 70, pp. 73-101). New York, NY: Nova Science Publishers, Inc.
- Levendosky, A. A., Lannert, B. e Yalch, M. (2012). The effects of intimate partner violence on women and child survivors: An attachment perspective. *Psychodynamic Psychiatry*, 40(3), 397-433. doi:10.1521/pdps.2012.40.3.397
- Magalhães, M. J. (2005). *A violência nas relações de intimidade: Um contributo para a definição de alguns conceitos*. Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Disponível em <http://www.umarfeminismos.org/images/stories/pdf2/ViolenciaConceitosMJM2005.pdf>
- Manita, C., Ribeiro, C. e Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para intervir*. Guia de boas práticas para profissionais de instituições de apoio a vítimas. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Mason, O., Platts, H. e Tyson, M. (2005). Early maladaptive schemas and adult attachment in a UK clinical population. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 78(4), 549-564. doi:10.1348/147608305X41371
- Matias, J. C. R. (2016). Vinculação, estilos educativos parentais e esquemas precoces mal adaptativos em reclusos. Dissertação de mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra. Disponível em <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/601>

- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Tese de doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/5735>
- Mikulincer, M. e Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood - Structure, dynamics, and change* (1.^a ed.). New York, NY: Guilford Press.
- Ministério da Administração Interna. (2016). *Relatório anual de segurança interna de 2016*. Acedido em 30, agosto, 2017, em <https://goo.gl/zpLTT9>
- Moreira, H., Martins, T., Gouveia, J. M. e Canavarro, M. C. (2015). Assessing adult attachment across different contexts: Validation of the Portuguese version of the Experiences in Close Relationships – Relationship Structures Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 97(1), 22-30. doi:10.1080/00223891.2014.950377
- Murphy, K. R. e Davidshofer, C. O. (2004). *Psychological testing: Principles and applications* (6.^a ed). Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Obegi, J. H. e Berant, E. (2009). *Attachment theory and research in clinical work with adults* (1.^a ed.). New York, NY: Guilford Press.
- Oliveira, M. S. e Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 162-170. Disponível em <http://hdl.handle.net/10284/1325>
- Paim, K., Madalena, M. e Falcke, D. (2012). Esquemas iniciais desadaptativos na violência conjugal. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 8(1), 31-39.
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: a step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (4.^a ed.). Crows Nest NSW: Allen and Unwin.
- Peterson, R. A. (1994). A meta-analysis of cronbach's coefficient alpha. *Journal of Consumer Research*, 21(2), 381-391. doi:10.2307/2489828
- Pinheiro, S. I. A. (2015). *A influência dos estilos de vinculação e dos esquemas precoces não-adaptativos nas relações interpessoais – Um estudo com casais*. Dissertação de mestrado, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.12/4215>
- Pinto-Gouveia, J. e Rijo, D. (2001). Terapia focada nos esquemas: Questões acerca da sua validação empírica. *Psicologia*, 15(2), 309-324.

- Popescu, M. L., Drumm, R., Dewan, S. e Rusu, C. (2010). Childhood victimization and its impact on coping behaviors for victims of intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 25(6), 575-585. doi:10.1007/s10896-010-9317-5
- Rijo, D. M. B. (2009). *Esquemas mal-adaptativos precoces: Validação do conceito e dos métodos de avaliação*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Disponível em <http://hdl.handle.net/10316/18486>
- Safran, J. (1990). Towards a refinement of cognitive therapy in light of interpersonal theory: I. Theory. *Clinical Psychology Review*, 10(1), 87-105. doi:10.1016/0272-7358(90)90108-M
- Sani, A. I. M. (2003). *As crenças, o discurso e a acção: As construções de crianças expostas à violência interparental*. Tese de doutoramento, Universidade do Minho. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/6958>
- Simard, V., Moss, E. e Pascuzzo, K. (2011). Early maladaptive schemas and child and adult attachment: A 15-year longitudinal study. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 84(4), 349-366. doi:10.1111/j.2044-8341.2010.02009.x
- Triantafyllou, D., Wang, C. e North, C. S. (2016). Correlates of duration of intimate partner violence among women seeking services at a domestic violence support center. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-12. doi:10.1177/0886260516647522
- Ventura, M. C. A. A., Frederico-Ferreira, M. M. e Magalhães, M. J. S. (2013). Violência nas relações de intimidade: Crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(11), 95-103. doi:10.12707/RIII12120
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health*. Acedido em 14, agosto, 2017, em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/42495/1/9241545615_eng.pdf
- World Health Organization. (2012). *Understanding and addressing violence against women*. Acedido em 14, agosto, 2017, em http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO_RHR_12.36_eng.pdf
- Young, J. E. (2005). *Young Schema Questionnaire-S3*. Cognitive Therapy Center of New York. (Versão portuguesa traduzida e adaptada por J. Pinto Gouveia, D. Rijo e M. C. Salvador, 2006).
- Young, J. E., Klosko, J. S. e Weishaar, M. E. (2008). *Terapia do esquema: Guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Porto Alegre: Artmed Editora.